



ARTENÓPOLIS

Flávia Hardt Schreiner – flavia.hardt@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-3593-5354>

RESUMO: Neste conto de ficção, uma mulher não nomeada depara-se com os desafios cotidianos de residir em uma nova cidade misteriosa. Ela entrega-se ao tempo presente, revivendo o seu passado ao retomar suas antigas paixões artísticas.

PALAVRAS-CHAVE: Conto; Arte; Dança; Tempo.

I

Ela chorara até soluçar...

Não lembrava quando foi a última vez que se sentira tão viva e simplesmente humana. Aos prantos e sorrindo como se estivesse escutado a coisa mais engraçada do mundo, percebeu que seu corpo era um carnaval de felicidade.

Sua mão direita girou a chave na porta, entrou em um lugar de significado afetivo daquilo que chamamos “casa”: cruzou a sala, o quarto, atirou-se na cama para sentir essa alegria emergida tal qual um samba da Beth Carvalho. Aquela emoção era desconhecida e, de fato, explicava o movimento involuntário de neurotransmissores. Ela estava tão feliz e extasiada e não entendia a própria felicidade.

Deitada nos lençóis e alongando seu corpo, recordava-se do último mergulho em lágrimas que vivera em razão da eficácia estética. Era o ano de uma importante pré-estreia no cinema, a película do Nolan, “A Origem”. Ela morava no interior e em sua cidade natal havia um único cinema. No final do filme, após os créditos, levantou-se de sua cadeira e fez seu andar típico empinando sua barriga para frente em direção à ponta de seus pés enquanto, aos prantos, atravessava a sala da sessão em direção à saída de forma dramática.

Era sonho ou realidade aquele final?, pensou.

De qualquer maneira, era evidentemente um final magistral. Suas lágrimas espelhavam sua extrema sensibilidade, a qual foi afetada por tamanha cinematografia detalhista e compulsivamente técnica: *l'art pour l'art*.

Retornando ao momento presente, Ela saiu de seu devaneio e virou-se de bruços, pegou seu *tablet* e digitou algumas palavras soltas. Sabia que já tinha sentido tanto, que já tinha vivido tanto, mas que ainda não havia atingido seus 25 anos. Lembrou-se das pessoas, recordou-se dos lugares.

Tudo se resume às interconexões entre pessoas e lugares, pensou.

E no presente, na lágrima do agora, viu seu passado e imaginou seu futuro, percebeu que as luzes e as cores desses momentos transgrediam espaços como em um caleidoscópio da sua existência.

O passado está sempre presente, o que passou nunca realmente passou..., refletiu no auge da sua jovem vida adulta.

Nesse processo de escrita, outro lapso do passado a visita. Era o seu último espetáculo. Aquele palco pequeno no auditório da Escola Estadual era deslumbrante. Seus pais estavam com pressa, pediram para que Ela fosse rápida, como se aquela apresentação fosse apenas um “não lugar” para eles.

“Merda” e a coreografia começou...

Perto do fim, na última sequência de movimentos, Ela errara uns três passos. Sua cabeça estava longe. Na verdade, desde aquele dia, alguns pedaços seus ficaram escondidos naqueles espaços dentre as coxias. As bailarinas agradeceram, a cortina fechou-se. Os corpos pararam. Foi a *corpoesia* mais íntima que dançara.

Na época, Ela fazia faculdade, cuidava de sua avó e trabalhava em dois turnos diários. Em todas essas tarefas, tentou ser criação, e não reprodução, pois seu corpo lhe havia ensinado. Eram muitos desafios pela frente e Ela precisou encontrar desculpas, guardando sua arte no fundo do armário.

A vida é tecida através das escolhas. Mas para algumas pessoas as escolhas são meras consequências.

Desde aquela data, longos doze anos se passaram. Curtos, na verdade. Seu bom emprego já não era tão bom. Os anos revelavam-se em espirais, em ciclos que aparecem fotografados na linha do tempo que nunca é exatamente uma linha. Após mais de uma década e antes tarde do que mais tarde ainda, o caminho vai revelando não haver atalhos no caminho.

A liberdade se desvenda em responsabilidade e disciplina, e a vida não te exime de ter que consertar as coisas mais cedo ou mais tarde, aqui ou entre os mundos. Ela poderia trabalhar até seu último fôlego, matematizar suas dívidas, mas na conta-corrente do seu trajeto não existiria um saldo cronológico mediano.

Então, veja bem... Sempre há tempo para voltar..., repetiu em sua mente em um diálogo autoconsciente. E assim, ao olhar para as profundezas dos seus desejos, decidiu retomar sua paixão.

II

Um mês residindo no seu terceiro Estado, quinto município e sétimo domicílio, estava novamente nua para atravessar fronteiras desconhecidas. Ela também retornou à Universidade e reelaborou seus planos.

Na mureta à frente de sua nova casa, o *meme youtubeano* transformado em grafite parecia conversar com seus fragmentos identitários: “Aqui tem coragem!”.

Por coincidência do destino, ao observar que sentia falta do seu bom emprego (hoje abandonado) que à época já não era tão bom, solta uma risada irônica, convocando seu *totem*, o coioite, o qual sempre lhe ajudava a atravessar algumas tempestades.

Em uma tarde no centro dessa nova cidade, observou o trânsito intenso e o individualismo das personas como de qualquer capital, a redução das pessoas a meros profissionais de algo, correndo pela *Babilônia* atrás de seus projetos.

Aquela sensação de “turista cotidiana” que lhe ocorria em toda cidade fresca que residia sempre foi algo que lhe agraciou, principalmente quando precisava resolver situações burocráticas: gramas de documentos, prazos mínimos, filas imensas e um trajeto e uma logística a desvendar-se. Após solucionar a papelada da matrícula da faculdade, tentava controlar sua ansiedade no aguardo dos próximos acontecimentos.

— *Senhor, sabe me dizer qual ônibus vai para o Centro Histórico?*, perguntou.

O moço que vendia cocadas respondeu:

— *É logo ali perto, vá caminhando.*

Ela sentiu uma inusitada, estranha, mas instigante sensação de medo dessa nova cidade. *Artenópolis* era seu nome. Sem perguntas adicionais, o moço ainda acrescentou:

— *Essa cidade apavora até mesmo as almas mais poetariadas.*

Ela pasmada encarou-o e, logo em seguida, afastou-se. Mais uns 20 minutinhos caminhando não era uma desculpa razoável para não aderir ao conselho do misterioso vendedor. Seguiu no compasso de seus pés em direção ao Centro Histórico enquanto refletia sobre como o povo que compõe a estrada, o caminho das gentes, sempre tem razão.

Esse mesmo caminho torna-se interessante quando uma loja de incensos é avistada. Ainda que não fosse uma mulher consumista, achou razoável comprar quinze caixas de incenso, pois, para cada aroma, sempre há uma história.

Aquele cheiro floral que exalava da mochila remeteu-a para a semana retrasada. Era um de seus dias de conflito interno, deixou a cafeteira italiana explodir no fogão, depois a chaleira. Naquele dia, uma sexta-feira de descarrego, se tivesse um incenso, seria o de arruda, e acenderia com um isqueiro, mentalizando paz. No sábado passado, esqueceu-se de esquecer que há tempos não vivia um grande amor. Nesse dia, o jasmim teria sido o selecionado, que acenderia dessa vez com o fósforo, deixando para os silfos o remanescente do seu coração inquieto e pulsante.

Sua mente viajante voltou à realidade quando seu tronco esbarrou em uma senhora de cabelos brancos esvoaçantes. Desculpou-se e apressou seus passos entre os pingos de chuva que contrastavam com as igrejas seculares iluminadas em tons amarelos alaranjados. Percebeu chegar.

Suada, molhada, cansada e com chulé, foi rápido o instante em que já se encontrava subindo as escadas, atravessando corredores com tantas salas e seres desenvoltos, tantos espelhos e corpos cruzando-se e entrecruzando-se. Colocou o pescoço para dentro da porta como uma tartaruga que espia seu predador e perguntou:

— *Posso começar hoje, quer dizer, agora?*

Soltando suas articulações, percebe as diferenças do tempo no corpo e as diferenças do corpo no tempo, sentindo os efeitos desses doze anos que se passaram sem ter pisado em cima de um linóleo. A aula começa no chão: Ela entra em êxtase. Ao repousar sua cabeça naquele chão preto, dirige obrigatoriamente seu olhar para o teto cândido, sentindo aquele plano duro e a brisa orvalhada que entra no estúdio através de uma janela antiga.

Naquele prédio velho do Centro Histórico, entende por que trocara por diversas vezes a cama macia pelo saco de dormir em seu próprio quarto e, por qual razão gostava tanto de um solo firme nos acampamentos. Quanto mais resistente o chão, mais intensos podem ser os movimentos...

— *Sete e oito.* Já repetiam a sequência pela nona vez, do plano baixo em direção ao ar, sentia seu corpo ir até o limite do seu fôlego e não queria parar.

Suado, cansado, meio desajeitado, com roxos futurísticos implantados, seu corpo sentiu-se desafiado. A aula acabara, uma carona para casa aparecera. Entre os bailarinos e bailarinas presentes, trocas de palavras sobre a vida e acordos sobre nunca abandonar um amor: a dança. Sua carona entregou esse corpo que era, agora, a própria “casa” em um lugar que ela também ousara chamar de casa.

Ela chorara até soluçar... Não lembrava quando fora a última vez que se sentira tão viva e simplesmente humana e, em *Artenópolis*, residiu pelos próximos longos anos.

Title

Artenópolis.

Abstract

In this fictional tale, an unnamed woman is faced with the everyday challenges of moving to a mysterious city. She surrenders to the present, reliving her past by resuming her old artistic passions.

Keywords

Tale; Art; Dance; Time

Recebido em: 12/08/2021.

Aceito em: 21/11/2021.